

PAVILHÃO LÓTUS:

Dentro da Vila Leopoldina, na zona oeste da cidade de São Paulo, destaca-se um grande terreno lindeiro à Marginal do Tietê e à linha 8 diamante da CPTM. É cortado por um ramal desativado da antiga FEPASA, próximo ao CEAGESP e inserido numa Zona Especial de Proteção Ambiental (ZEPAM). Nele já funcionaram uma usina de compostagem e uma estação de tratamento da SABESP.

Em 2010, parte da área do terreno foi transformada no Parque Orlando Villas-Bôas, o único existente na região. Contudo, em 2015, este parque foi fechado pelo Ministério Público e encontra-se em completo estado de abandono, fazendo com que a comunidade perdesse sua única opção de lazer ao ar livre.

Assim, projetar uma edificação que traga cultura, lazer e ensino à esse local, como o Pavilhão com estufas, é conectar-se com as manifestações e pedidos da comunidade pela reabertura do parque e comprometer-se com o bioma e demanda social da região. Além do projeto em si, propõe-se uma estação intermediária (nova parada) na linha 8 da CPTM para fornecer acesso direto ao parque e às estufas.

A proposta de projeto ocupa parte do terreno do parque abandonado e estende-se até o rio Tietê, sendo cortado transversalmente pela marginal. Uma ponte de concreto já presente no terreno, ramal desativado da antiga

FEPASA, foi reformulada e apropriada pelo projeto como elemento conector e de fluxo ininterrupto, tanto das estufas entre si, quanto do entorno existente. As estufas, cuja temática explora a relação e aproximação histórica entre a natureza e o homem, foram dispostas ao longo dessa ponte, de modo que sua ordem espacial remeta à cronologia dos eventos em discussão na proposta, apresentados a seguir.

A primeira, e maior estufa, contém plantas nativas do terreno - vegetação classificada pelo Plano Municipal da Mata Atlântica (PMMA) como “bosque heterogêneo”- com a finalidade de guardar e proteger as espécies originais sobreviventes da Mata Atlântica; a segunda retrata a destruição do bioma original ao trazer espécies exóticas introduzidas no bioma pelo homem para atender às suas necessidades, tais como alimentação e medicamentos; a última estufa projeta a relação harmônica ideal entre homem e vegetação pela utilização de espécies exóticas para recuperar o que foi devastado, como a introdução do sistema de “*wetlands*” para regeneração do próprio rio Tietê.

No programa, as duas primeiras estufas estão posicionadas na área do parque Orlando Villas-Bôas, e entre elas se encontra o pavilhão de entrada, a área científica, a pedagógica e a administrativa. A terceira estufa, acessível pela ponte, está localizada sobre o rio Tietê, apoiada sob uma

fundação de pilares e vigas de concreto, garantindo uma maior permeabilidade no fluxo do rio.

A solução estrutural das estufas foi guiada pela própria necessidade do projeto de vencer grandes vãos, priorizando um espaço livre e flexível para abrigar a grande variedade de plantas em seu interior. O *gridshell* foi escolhido como o principal elemento conformador das estufas, com uma forma que deriva diretamente de seu fluxo de forças e que define seu comportamento de carga e leveza. O espaço interno que abriga o pavilhão e as demais áreas do projeto foi resolvido estruturalmente através de um sistema de treliças espaciais e pilares, preparados para suportar a carga gerada pelo teto-verde.

O projeto destaca o aço não só como elemento estrutural eficiente, mas como elemento estético. A liberdade formal oferecida pelo sistema estrutural escolhido permitiu que o conceito do projeto pudesse ser transmitido em sua forma arquitetônica. Enquanto as duas primeiras estufas tem uma conformação na qual o centro - também usado para a captação de água - converge para o chão, a terceira estufa se lança para cima, tal qual uma Flor de Lótus, que nasce no lodo, se transforma e floresce à superfície, em uma demonstração pujante da força da natureza.